

ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS NAS AULAS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: O QUE PENSAM OS PROFESSORES E ESTAGIÁRIOS?.

Daniele Bezerra dos Santos (1); Isabel Cristina Amaral de Sousa Rosso Nelson (2); Joseane Maria Araújo de Medeiros (3); Lucia Maria de Almeida (4)

Centro Universitário Facex – UNIFACEX – danielesantos@unifacex.edu.br¹

Centro Universitário Facex – UNIFACEX – isacristas@yahoo.com.br²

Centro Universitário Facex – UNIFACEX – pedagogia@unifacex.edu.br³

Centro Universitário Facex – UNIFACEX – lalmeida19@yahoo.com.br³

Resumo

Trabalhos demonstram ou que reconheçam que o processo de inclusão nos espaços educacionais vem rompendo barreiras sociais e tem demonstrado que a inclusão escolar é o caminho para uma melhor qualidade de ensino e de vida, tanto atores sociais que vivenciam este processo (como professores e alunos estagiários de licenciaturas) como para os indivíduos portadores de necessidades especiais. Neste sentido, o presente trabalho teve por objetivo diagnosticar quais as percepções e representações concebidas pelos professores e alunos de licenciatura do curso em Ciências Biológicas no decorrer de sua formação inicial sobre a inclusão de alunos com deficiência nas suas aulas de ciências e biologia. O trabalho de identificações quanto à inclusão de indivíduos com alguma deficiência nas aulas de ciências ou biologia foi realizado com alunos de licenciatura e junto as professoras de ciências e biologia que atuam nos laboratórios do Colégio Facex, Natal/RN. Neste momento, os alunos encontravam-se em período de estágio supervisionado, no ano de 2016. A amostra estudada foi composta por 8 professoras que acompanham as aulas nos laboratórios de ciências e biologia e 10 alunos matriculados em período de estágio supervisionado. Durante esses momentos, foi considerado o tema indutor “alunos com necessidades especiais nas aulas de ciências e biologia e o processo de inclusão educacional” que serviu de elo condutor das representações. No trabalho utilizou a técnica de evocação livre (BARDIN, 1977) e foi solicitado as professoras e alunos em grupo que registrassem 5 a 10 representações sobre o tema indutor. A análise foi realizada é uma análise descritiva dos dados e tem como subsídio Bardin (2011) e os dados foram categorizados para serem analisados de acordo com a proporção das respostas. Foram obtidos um total de 250 representações sobre o tema e, dentre as principais ocorrências, podemos destacar que 75% das palavras evocadas pelas professoras estavam relacionadas a melhorias, novas possibilidades e desafios para o processo de ensino e 60% das palavras evocadas pelos alunos refletiam problemas como dificuldades no processo de ensino e aprendizagem e medo do novo. A análise das percepções e reflexões sobre o que pensam os professores e alunos estagiários de ciências e biologia enriqueceu a experiência conjunta de ambos (professores supervisores e alunos), pois os estagiários puderam refletir sobre as razões pelas quais os mesmos sentiam-se inseguros nas etapas iniciais do processo de formação (estágio) e a necessidade de inclusão educacional.

Palavras-chave

Inclusão educacional, ensino de ciências e biologia, percepção de estagiários e professores.

INTRODUÇÃO

No âmbito da democratização da sociedade, a realidade ainda aponta para necessidades e melhorias dos espaços de ensino, aprendizagem e socialização dos alunos em situação de deficiência (visuais, físicas, mentais, auditivas, múltiplas, desvios de conduta, superdotação ou altas habilidades), conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948 (UNESCO, 1994). Alguns autores ainda consideram como um desafio a realização de trabalhos que envolvam a educação inclusiva, especialmente por fatores que envolvem o pouco conhecimento às necessidades educativas apresentadas pelos alunos e à falta de recursos e estímulos aos professores nas relações de suas práticas pedagógicas (SILVA, 2007; HASSAMO, 2009).

Na região nordeste e, em especial o estado do Rio Grande do Norte (RN), tem sido apontado entre os estados brasileiros com maior número de pessoas com deficiência em consequência de doenças genéticas ou ambientais (SANTOS et al., 2013; FONTINELE et al., 2015). Entretanto, pouco se conhece a respeito dos números dessas doenças no RN, com que frequência vem atingindo a população, seus os efeitos sobre a saúde e a qualidade de vida dos indivíduos e sua inclusão escolar (FONTINELE et al., 2015).

Trabalhos demonstram que o processo de inclusão nos espaços educacionais vem rompendo barreiras sociais e tem demonstrado que a inclusão escolar é o caminho para uma melhor qualidade de ensino e de vida, tanto para os indivíduos portadores de necessidades especiais, como para os pais, professores e demais envolvidos, seja no âmbito da educação básica ou no ensino superior (FAVERO et al., 2004; STRIEDER; ZIMMERMANN, 2010a; STRIEDER; ZIMMERMANN, 2010b; LAGO; SANTOS, 2011).

Neste sentido, a presente pesquisa surgiu durante as reuniões junto às professoras de laboratório de Ciências e Biologia do Centro Universitário Facex e concomitante as reuniões do período de estágio supervisionado, no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na mesma instituição de ensino.

Com base nas observações vivenciadas durante as práticas e realização dos estágios supervisionados é significativo perguntar “qual a percepção dos professores e alunos de licenciatura em ciências biológicas sobre de ensino de ciências e de biologia diante da inclusão de alunos com deficiência nas suas aulas”. Assim, o presente trabalho teve por objetivo diagnosticar quais as representações concebidas pelos professores e alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no decorrer de sua formação inicial sobre a inclusão de alunos com deficiência nas suas aulas de ciências e biologia.

METODOLOGIA

As representações sociais se constituem como um domínio de pesquisa que busca compreender o modo pelo qual o significado é atribuído ao objeto; como os atores sociais interpretam o universo social; as relações sociais em função das representações elaboradas; e como estas representações são integradas ao sistema cognitivo preexistente dos sujeitos sociais (JODELET, 2001).

O trabalho de identificações das representações sociais quanto à inclusão de indivíduos com alguma deficiência nas aulas de ciências ou biologia foi realizado com alunos de licenciatura em Ciências Biológicas do Centro Universitário Facex (UNIFACEX) e as professoras de ciências e biologia que atuam nos laboratórios do Colégio Facex, localizada na cidade de Natal/RN. Neste momento, os alunos encontravam-se em período de estágio supervisionado, no ano de 2016. A amostra estudada foi composta por 8 professoras (3 professoras turno matutino, 2 professoras turno vespertino e 3 professoras turno noturno) que acompanham as aulas nos laboratórios de ciências e biologia e 10 alunos matriculados na disciplina de estágio supervisionado. Durante esses momentos, foi considerado o tema indutor “alunos com necessidades especiais nas aulas de ciências e biologia e o processo de inclusão educacional” que serviu de elo condutor das representações. Todos os participantes da pesquisa assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Jodelet (2001) explica que as representações sociais são formas de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Moscovici (2003, p. 328) complementa que não se pode esquecer que “as pessoas são capazes, de fato, de usar diferentes modos e pensamentos e diferentes representações, de acordo com o grupo específico ao qual pertencem, ao contexto em que estão no momento”.

No trabalho foi utilizado a técnica de evocação livre (BARDIN, 1977) e solicitado aos professores e alunos em grupo que registrassem 5 a 10 (de cinco a dez) representações sobre o tema indutor.

A análise que está sendo realizada é uma análise descritiva dos dados e tem como subsídio Bardin (2011) e os dados foram categorizados para serem analisados de acordo com a proporção das respostas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para cada ponto do tema indutor, foram obtidas 80 representações sociais através das professoras e 170 representações obtidas pelos alunos durante o período de estágio supervisionado, totalizando 250 representações.

Dentre as principais ocorrências, podemos destacar que 75% das palavras evocadas pelas professoras estavam relacionadas a melhorias, novas possibilidades e desafios para o processo de ensino (figura 1). Observamos que, após esse momento, a temática gerou uma discussão e reflexão no grupo de alunos e professores. Neste momento, pudemos observar a grande preocupação das professoras em acolher e fazer acontecer o processo de aprendizagem. As preocupações se refletiam desde a questão da acessibilidade e mobilidade desses alunos para as aulas de laboratório de ciências e biologia.

No tocante aos alunos, as palavras evocadas refletiam em 60% problemas como dificuldades no processo de ensino e aprendizagem e medo do novo (figura 2). Quanto às mudanças ou a utilização de novas possibilidades de ensino - estratégias didáticas, os alunos estagiários expressaram mínimas expressões, apenas 2% das palavras. Os alunos revelaram que sentiam dificuldades quanto a didática inapropriada para o processo de ensino e aprendizagem desses alunos (em 15% das palavras ou expressões) e a falta do conhecimento ou vivência (em 11% das palavras ou expressões).

Figura 1. Representações e percepção das professoras de ciências e biologia sobre a inclusão de alunos com necessidades especiais nas aulas de ciências e biologia.

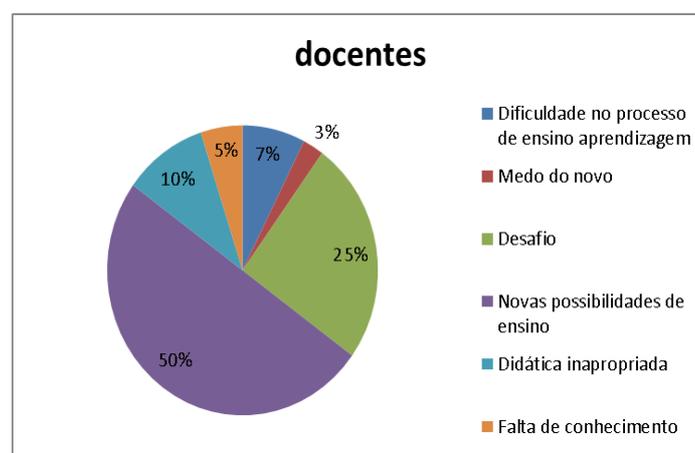
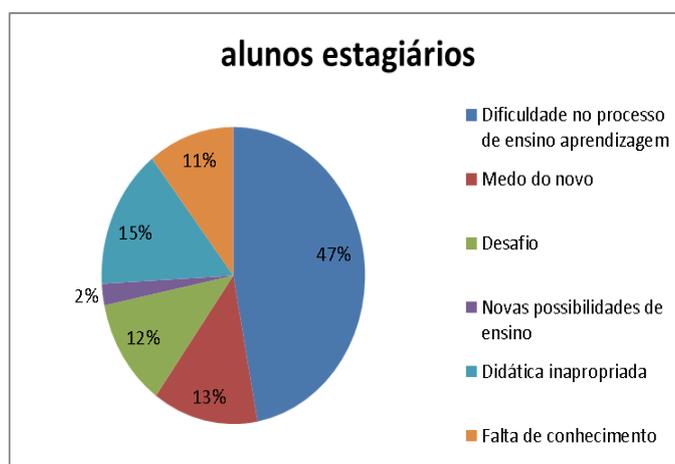




Figura 2. Representações e percepção dos alunos em estágio supervisionado sobre a inclusão de alunos com necessidades especiais nas aulas de ciências e biologia.



Em seguida, as professoras relataram para o grupo que, em alguns momentos, era necessário a realização das adaptações específicas para que alguns alunos com necessidades especiais pudessem participar ativamente das aulas de ciências e biologia no laboratório, como por exemplo, o aluno cadeirante e as adaptações necessárias da bancada e dos equipamentos; alunos com dificuldades visuais e a adaptação e uso de modelos didáticos (corpo humano, células, estrutura do DNA, entre outros) para que os mesmos pudessem tocar e sentir a constituição para o entendimento das informações do(a) professor(a). Neste momento, os alunos puderam refletir sobre as possibilidades e adaptações que, muitas vezes são necessárias no dia a dia durante a futura atuação profissional. Porém, as professoras relataram que ainda não se sentem preparadas para adequar conteúdos, reelaborar praticas laboratoriais (novos roteiros ou protocolos de praticas), elaboração de materiais didáticos entre outros para geração de uma aprendizagem significativa de alunos portadores de necessidades especiais.

Essa mesma situação foi observada por Vilela-Ribeiro e Benite (2010) analisando os a percepção dos professores de química sobre a educação inclusiva. Os autores constataram que os professores ainda não se sentem preparados e que precisam adequar sua visão sobre a educação inclusiva, mas que o discurso dos professores apontou para a aceitação da educação inclusiva.

De uma forma geral, em nosso trabalho observamos que há dificuldades vivenciadas tanto por professores quanto por alunos, porem que a vivencia/experiência demonstra que há novas possibilidades para socialização e adaptações para a geração do processo de ensino e de aprendizagem, gerando uma reflexão e visão positiva.

Para Libâneo (2008), “o termo reflexão se revela na consciência dos próprios atos; na relação entre a situação vivida e o pensamento e; na construção teórico-prática”. Este momento propiciou uma grande reflexão conjunta sobre os alunos em situações de estágio e a experiência dos professores de ciências e biologia junto a alunos que apresentam ou apresentaram necessidades especiais.

A palavra reflexão tem sido amplamente usada no processo de formação docente de forma a ajudar aos alunos (futuros professores) para refletirem sobre sua prática de ensino (SCHÖN, 1992), no entanto trabalhos relatam que os professores não refletem sobre seu ensino e aceitam naturalmente a realidade cotidiana de suas escolas, concentrando esforços apenas na procura de meios eficientes para atingir seus objetivos (GERALDI, FIORENTINI, PEREIRA, 1998; ZEICHNER, 2008; PIMENTA, GHENDIN, 2012).

A prática docente reflexiva e a formação de alunos de forma reflexiva sugere um modo como os professores interrogam suas práticas de ensino, oportunizam a possibilidade de voltar atrás e rever acontecimentos e práticas (OLIVEIRA; SERRANIZA, 2002). Além disso, valoriza a prática profissional através de momentos de (re)construção e (re)significação de conhecimentos, através da reflexão, análise e problematização (SCHÖN, 1992).

Observamos a preocupação dos alunos estagiários com os conhecimentos e o processo de aprendizagem desses alunos com necessidades especiais, permitindo aos alunos estagiários a pensar sobre o saber ensinar, sobre a relação teoria e prática. Tardif (2002) considera que o saber-ensinar engloba atitudes, valores, competências e habilidades necessárias para transformar os conhecimentos adquiridos na academia em conteúdo. E que o saber ensinar está diretamente relacionado ao saber como ensinar, criando possibilidades e estratégias para a prática.

CONCLUSÃO

A análise das percepções e reflexões sobre o que pensam os professores e alunos estagiários de ciências e biologia enriqueceu a experiência conjunta de ambos (professores supervisores e alunos), pois os estagiários puderam refletir sobre as razões pelas quais os mesmos sentiam-se inseguros nas etapas iniciais do processo de formação (estágio) e a necessidade de inclusão educacional. Dutra e Magalhaes (2000) consideram que conhecer a percepção e sentimentos dos alunos é crucial para criar um ambiente bom de formação e aprendizagem, pois suas reações

refletirão no sucesso ou fracasso de uma atividade planejada em sala de aula. Pimenta e Ghendin (2012) consideram a reflexividade como uma característica dos seres racionais que possibilita uma autoanálise sobre as próprias ações ou sobre as ações que podem ser feitas sobre outros.

REFERENCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, 2011.

DUTRA, P. D.; MAGALHÃES, C.M. Aprendendo a ensinar: a autonomia do professor aprendiz no projeto de extensão da Faculdade de Letras da UFMG. **Linguagem & Ensino**, V. 3, N. 2, p. 61-73, 2000.

GERALDI, C.M.G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E.M.A. **Cartografias do trabalho docente professor(a) pesquisador(a)**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

FÁVERO, E.; PANTOJA, L.; MANTOAN, M. T. O **Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular**. Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2004.

FONTINELE; D. C. S. de S.; SILVA, A. N. dos S.; PEREIRA, D. E. W. F. de A.; SANTOS, D. B. dos; MELO, S. B. F.; LEITE, A. G. Doenças genéticas e inclusão escolar no Estado do Rio Grande do Norte. **Revista Humano Ser**, v. 1, n. 1, 2015.

HASSAMO, I.C.S. Relação entre crenças, atitudes e práticas pedagógicas de professores na inclusão de alunos com deficiência mental. 2009. 65f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação e da Orientação)- Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

JODELET, D. (Org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LAGO, M.; SANTOS, M. P. Inclusão em Educação: Desafios da Formação Docente. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO BRASILEIRA. 3., 2011. Campinas. **Anais ...** Campinas: CEDES, 2011, p. 944 – 958.

LIBÂNEO, J.C. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo, Ed. Cortez, 2008.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, I.; SERRANIZA, L. A reflexão e o professor investigador. In: GTI (Orgs.). **Reflectir e investigar sobre a prática profissional**. Lisboa: APM, 2002.

PIMENTA, S. G.; GHENDIN, E. (Orgs.) **O professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, K.F.W. Inclusão escolar de alunos com deficiência mental: possíveis causas do insucesso. 2007.185f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SANTOS, S. et al. A endogamia explicaria a elevada prevalência de deficiências em populações do Nordeste Brasileiro. **Revista Scielo, Ciências & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 4, p. 1141-1150, 2013.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: Novoa, A. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Instituto de Inovação Educacional, 1992.

STRIEDER, R.; ZIMMERMANN, R. L. G. Importância da escola para pais, mães, alunos, professores, funcionários e dirigentes. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 2, p. 245-258, maio/ago. 2010a.

STRIEDER, R.; ZIMMERMANN, R. L. G. A inclusão escolar e os desafios da aprendizagem. **Caderno de pesquisa**, v. 10, p. 144-162, Miguel do Oeste/SC, 2010b.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 3.ed. Trad. Francisco Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

UNESCO. Declaração de Salamanca sobre princípios políticos e práticas na área das necessidades educativas especiais: aprovado por aclamação na cidade de Salamanca, em 10 de junho de 1994. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139394por.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2016.

